

**A Menina Gotinha de Água, de Papiniano Carlos:  
da «força criadora da natureza»  
à «alegria invencível de viver e de criar»<sup>1</sup>**

*Sara Reis da Silva*

A estreia do escritor-poeta Papiniano Carlos (Lourenço Marques, 1918), «poeta vinculado ao ideário estético neo-realista» (Gomes, 1993: 22), deu-se, em 1942, com *Esboço – Poemas*, colectânea a que se seguiram, entre outros títulos, *Estrada Nova – Caderno de Poemas* (1947), bem como, além do volume de crónicas *A Rosa Nocturna* (1961), por exemplo, uma série de outros textos poéticos disseminados por vários livros, um acervo ainda por coligir e, portanto, distante do público-leitor em geral.

Anos mais tarde, com a chancela da Portugália Editora e ilustrações de João Câmara Leme, publica o seu primeiro título preferencialmente destinado aos leitores mais novos, *A Menina Gotinha de Água*. É este texto – considerado já um clássico da literatura infantil portuguesa – que o tornará um autor de referência neste domínio da criação literária. Situamo-nos, então, em 1963, ano em que, sublinhe-se, outras obras incontornáveis da literatura portuguesa para crianças vêm a lume, um conjunto do qual se destaca, por exemplo, *As Aventuras de João Sem Medo*, de José Gomes Ferreira.

Tendo sido alvo de cinco edições entre 1963 e 1987 e com uma divulgação considerável, inclusivamente por meio, por exemplo, de alguns manuais escolares de Língua Portuguesa, dos primeiro e segundo ciclos, *A Menina Gotinha de Água* regressou aos escaparates, primeiro, publicado pela Asa e com ilustrações de João Nunes, e, depois, de novo, já em 1999, desta vez, pela editora por-

---

<sup>1</sup> As expressões que compõem este subtítulo pertencem a Luisinho e as Andorinhas (Campo das Letras, 2001).

tuense Campo das Letras e com um novo “rosto”, “pintado” pela ilustradora Joana Quental<sup>2</sup>.

Com «apuro e sensibilidade», como faz notar Natércia Rocha (Rocha, 1984: 110), Papiniano Carlos parte do real natural, mais concretamente do ciclo das águas e constrói, neste texto, uma cativante ficção poetizada, à qual não é de todo estranho um objectivo pedagógico/formativo. Com efeito, é da vitalidade da natureza que nasce toda a história em versos livres – quase sempre muito curtos, por vezes, até, compostos apenas por uma palavra<sup>3</sup> – da Menina chamada Gotinha de Água e das suas activas irmãs gémeas, com as quais anda sempre de mãos dadas, pois «todas juntas eram o Mar» (Carlos, 1999: 8).

A linda Gotinha de Água, «vestida de esmeralda e luar» (idem, ibidem: 7), aparece, assim, como um ser humanizado, uma menina com uma alegria contagiante, divertida e traquina, que ri, que brinca com as irmãs e com os peixinhos, que joga às escondidas e que se diverte a beijar as pernas e os cabelos dos meninos na praia. Valores como a persistência (individual ou colectiva) – que a subtil sugestão intertextual da célebre fábula protagonizada pela cigarra e pela formiga acaba também por testemunhar –, a união, a amizade, a solidariedade, a generosidade e a liberdade, a par de subtis críticas sociais<sup>4</sup> perpassam a narrativa, sendo acentuados por alguns dos significados simbóli-

2 A nossa leitura terá como objecto esta última reedição.

3 Refira-se que esta é, aliás, uma das tendências formais da poesia de Papiniano Carlos, como comprovam os poemas «Caracol», «A Gaivota», «A Barca» e «Cantiga do foge-foge», textos que integram a colectânea Conto Estrelas em Ti (Campo das Letras, 2000).

4 Cf. «Olhava / para baixo e via / a terra seca, / os campos secos / secas as fontes, / as flores / e as searas / murchas, / e os homens tristes, / muito tristes / sem pão / para darem / aos meninos.» (Carlos, 1999: 14).

cos que marcam expressões como «vestida de esmeralda e de luar», acções, no sentido da verticalidade, como «subir, subir, subir» e voar, ou figuras como a gaivota.

Se a configuração simbólica de alguns dos elementos centrais da obra em análise determina, de certa maneira, a intemporalidade desta narrativa, esta acaba por transparecer, também e desde logo, da sua fórmula de abertura hipercodificada, ao sabor tradicional: «Era uma vez / uma menina / chamada / Gotinha de Água.». É a partir desta que o narrador conta, então, como vive a Gotinha de Água, quais os caminhos que percorre e em que espaços se encontra, relatando entusiasticamente como a sua vida é essencial para outras vidas.

Com efeito, o que é verdadeiramente representado, de forma animista e envolvente, nesta narrativa em verso, como sugerimos, é a aventura cíclica da água, elemento cósmico primordial. A Gotinha e as suas irmãs partem da sua casa, o Mar imenso, e percorrem as nuvens, a chuva, a terra, uma fonte, um ribeiro, uma barragem, o estuário de um grande rio, para regressarem, novamente, às águas neptunianas. Assim, a viagem vital e feliz da menina Gotinha e das suas irmãs finaliza exactamente onde começou – no Mar – para não terminar nunca. Sobressaem do itinerário descrito ou da sua narração uma energia, uma dinâmica e um entusiasmo pela vida que nos fazem pensar que Papiniano Carlos, e seguindo as palavras de José António Gomes, «mais não faz do que exprimir o seu fascínio pelo funcionamento prodigioso, quase mágico, daquilo a que poderíamos chamar a grande “máquina do mundo”, cujas forças motrizes são a energia da natureza e o engenho humano.» (Gomes, 1999).

Lemos, portanto, a história da Menina Gotinha de Água como um leve e delicado cântico exaltante da natureza, espécie de hino suave, no qual não faltam as referências a elementos do espaço marítimo (os peixinhos, as algas, as anêmonas, as baleias, etc.) e do espaço terrestre (flores, abelhas, searas, árvores, frutos, grilos, melros, sapos, rolas, cigarras, etc.) em perfeita harmonia cósmica. A contribuir, de modo determinante, para esta melodia de louvor, encontram-se a vivacidade do registo, a presença de alguns segmentos em discurso directo, a reiteração de formas verbais actanciais, a personificação que redundna na heroificação da pequena gota da água, a metáfora, a comparação, o ritmo cadenciado, as reiterações vocabulares, a repetição (por vezes, paralelística) da expressão «a menina gotinha de água, vestida de esmeralda e luar» (que assume quase a função de um refrão), as sugestões sensoriais (em particular, de âmbito visual) e, ainda, as expressivas onomatopeias – «Duas rolas cantavam / ao desafio / trru-trruu / trru-trruu» (Carlos, 1999: 23).

As ilustrações de Joana Quental recriam, num registo já habitual nesta artista, os principais momentos da acção e os espaços físicos em que esta decorre, cristalizando, ainda, os motivos naturalistas que desencadeiam o relato. A prevalência dos tons leves, azuis e esverdeados, nascidos da conjugação de técnicas como a aguarela e/ou o lápis de cor, confirmam a centralidade do elemento aquático no texto e, em particular, o protagonismo da “menina” especial, viva e muito sorridente. A circularidade das linhas/formas, bem como a suavidade e o jogo cromático, em certos momentos, gradativo, permitem sublinhar, com particular expressividade, aspectos como

o dinamismo, a união, ou, ainda, temáticas como a viagem, o ciclo da natureza ou, de forma mais implícita, a própria infância<sup>5</sup>.

Não é, assim, de estranhar que, pelos motivos sucintamente registados, esta narrativa, nascida de uma sábia associação entre o real natural, o científico, a poesia e o maravilhoso, marcada pela fantasia e pela excepcionalidade, tenha prendido a atenção e tenha permanecido na memória de crianças de gerações distintas.

Um último apontamento para lembrar que, ao memorável poema-narrativo da Menina Gotinha de Água, Papiniano Carlos juntou outros títulos importantes, repartidos quer pela narrativa breve e em prosa, como O Grande Lagarto da Pedra Azul (1986) e A Viagem de Alexandra (1989) –, quer pela poesia, com fortes marcas de narrativa, como Luisinho e as Andorinhas (1977) e O Cavalo das Sete Cores e o Navio (1977). Mais recentemente, em 2001, publica um novo livro: Era uma Vez... A todos, de uma forma ou de outra, é comum a valorização da natureza e, muito especialmente, um invulgar sentido humanista, que redundna, não raras vezes, na expressão metafórica do desejo de regeneração pessoal e social.

---

5 Sublinhe-se que, mesmo o convite para a escrita e para o desenho criativos, patentes no final da obra, respondem, de certa forma, à valorização da infância que, em nosso entender, também pode ser antevisto no texto de Papiniano Carlos.

---

**Referências bibliográficas**

CARLOS, Papiniano (1999). A Menina Gotinha de Água. Porto: Campo das Letras (ilustrações de Joana Quental).

CARLOS, Papiniano (2001). Luisinho e as Andorinhas. Porto: Campo das Letras (ilustrações de Elsa Navarro).

GOMES, José António (1993). A Poesia na Literatura para a Infância. Colec. Perspectivas Actuais –Ensaio, Rio Tinto: Edições ASA.

GOMES, José António (1999). «O Ciclo das Águas» in Expresso – Cartaz, 11/09/1999.

GOMES, José António (2001). «Natureza e engenho humano. Introdução à leitura da obra de Papiniano Carlos» in Malasartes, Nº 7. Porto: Campo das Letras, pp. 7-12.

ROCHA, Natércia (1984). Breve História da Literatura para Crianças em Portugal. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

## Três Galgos Brancos

*Vergílio Alberto Vieira*

A Papiniano Carlos  
sobre desenho de Amadeo de Souza-Cardoso

Estirados, correm em banda,  
O focinho em forma de lança.  
Mesmo estirados em banda,  
Ninguém a tempo os alcança.

São brancos, galgam colinas,  
Presseguem-nos cavaleiros  
Agarrados a brancas crinas  
De cavalos verdadeiros.